



Organização profissional

A profissionalização e a união das cadeias produtivas destinadas ao abastecimento interno são a saída para o fortalecimento do setor, que perde cada vez mais espaço no Brasil

A população do Brasil e a renda per capita praticamente dobraram entre 1980 e 2010. Muitos se lembram da música de 1970 no México – *90 milhões de brasileiros em ação... pra frente Brasil, salve a seleção.*

Na década de 1980 o Brasil tinha mais de 30 mil produtores de batata distribuídos em cinco estados (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais e São Paulo) que plantavam mais de 160 mil hectares e empregavam mais de 500 mil pessoas. Atualmente, são menos de quatro mil produtores distribuídos em sete estados (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Bahia) que plantam menos de 100 mil hectares e empregam menos de 100 mil pessoas.

Apesar da redução da área plantada em 40%, a produção anual manteve-se próxima de 2,5 milhões de toneladas. Diante desta situação podemos afirmar que o consumo de batata reduziu pela metade? A resposta correta é: depende.

Considerado apenas o consumo de batata fresca pode-se afirmar que sim, porém, na década de 1980 o consumo de batata chips e pré-frita era praticamente insignificante. Atualmente o consumo anual de batata chips e de pré-frita congelada é de aproximadamente 75 mil e 300 mil toneladas, ou seja, equivalente à produção de mais de dez mil e de 25 mil hectares, respectivamente. Portanto, é possível concluir que o consumo anual de batata no Brasil é de aproximadamente três milhões de toneladas, que o consumo de batata fresca está diminuindo e que o do produto processado está crescendo.

Infelizmente, a redução atinge somente a produção nacional e o crescimento beneficia os produtores de alguns países europeus que proporcionam elevados sub-

sídios aos seus produtores. Esta é apenas uma das situações que, somadas a dezenas de outras, estão ocorrendo e “detonando” a Cadeia Brasileira da Batata.

Regra geral, as cadeias de produtos agrícolas destinados à exportação prosperaram enquanto as destinadas ao abastecimento interno “implodiram”. O consumo de alho, por exemplo, é de 20% nacional e de 80% de produtor importado. Apesar de o nacional ser muito superior ao importado em todos os aspectos. Situações similares estão ocorrendo com cebola, tomate e muitas outras hortaliças e frutas.

Enquanto muitos países importam o que são incapazes de produzir e necessitam para alimentar sua população, o Brasil aceita que os mesmos países exportem produtos em que somos autossuficientes no abastecimento do mercado interno. Este sistema de “moeda de troca” vem causando o “extermínio” de milhões de produtores e trabalhadores brasileiros. A imposição dos países tem como finalidade a preservação coincidentemente da atividade de seus milhões de produtores e trabalhadores.

Diante desta realidade desastrosa sugerimos a “organização e a união profissional” das cadeias produtivas destinadas ao “abastecimento do mercado nacional” e destacamos como “desafios comuns” a todas as cadeias produtivas alguns problemas:

As legislações trabalhistas se tornaram impossíveis de serem cumpridas e praticamente acabaram com a mão de obra necessária à produção. Vale lembrar que quem criou esta situação é justamente de quem se esperava a geração de empregos...

O ensino e a pesquisa – Temos que incentivar, apoiar e desenvolver para

solucionar problemas e gerar tecnologia. Ninguém fará isso por nós.

A mídia – Temos que nos unir a ela e impedir que determinados veículos nos prejudiquem com informações equivocadas, que influenciam a população e retraem o consumo. Não podemos continuar “engolindo” mentiras e aceitando a imagem que somos “serial killers”... ninguém morreu por causa de pimentão ou batata.

Os supermercados - Precisam se integrar aos demais segmentos das cadeias produtivas e manter um relacionamento “ganha-ganha”, ou seja, priorizar o consumidor e não só os lucros. De que adianta divulgar os benefícios de produtos orgânicos, pagar 1 para o produtor e vender por 10.

Precisamos achar alternativas para realizar o manejo integrado da mosca-branca, pois o potencial desta “cigarrinha” para causar uma “desgraça total” é iminente para muitas culturas.

Os políticos precisam entender a importância social, cultural e econômica das cadeias produtivas que estão sendo destruídas. Apoiar alho, batata, tomate é promover o equilíbrio social e distribuição de renda para milhões de brasileiros.

O custo de produção, com excessivas taxas, se tornou um dos principais fatores limitantes à produção nacional. Ao mesmo tempo em que aceita reduzir IPI de carros o governo impõe o pagamento do IPI de embalagens como sacaria de batata...

Temos que organizar profissionalmente nossas cadeias produtivas destinadas ao abastecimento interno. Existem alternativas, mas necessitaremos ter persistência e atitude. 

Natalino Shymoiama,
Gerente geral da ABBA